

Inicia-se o décimo ano

Com este número inicia-se o décimo ano de publicações regulares desta nossa revista, constituindo um dos indicadores importantes da nossa actividade como Sociedade Científica que somos. Embora fazendo parte dos planos de todas as Direcções desde a reactivação da Sociedade em 1983, ela só veio a concretizar-se alguns anos mais tarde, durante a presidência do Dr. Barros Veloso, um dos principais impulsionadores e arquitecto da Revista vindo a ser, muito justamente, o seu primeiro Director. O Dr. Barros Veloso desenvolveu um trabalho exemplar conjuntamente com o seu grupo de trabalho, só possível com grande sacrifício e muitas horas de labor. Com esse mesmo espírito de sacrifício e de eficiência sucedeu-lhe o Dr. Carlos Soares de Sousa. A um e outro, assim como a todos aqueles que, com a sua colaboração, deram o seu contributo e permitiram que a nossa Revista seja aquilo que todos nós lhe reconhecemos a Sociedade Portuguesa de Medicina Interna agradece.

A Sociedade tem na Formação pós-graduada um dos objectivos principais da sua existência que está alicerçada em três pilares fundamentais da sua actividade, constituindo a Revista um dos pilares, sendo os outros dois a actividade dos diferentes Grupos de Estudo que foram criados no seio da Sociedade e os Congressos Nacionais, para além do patrocínio científico concedido a reuniões organizadas por outras Sociedades Médicas e outros grupos de trabalho.

A nossa Revista com a publicação regular de artigos originais, de artigos de revisão, casos clínicos, artigos de reflexão, tem sido uma plataforma de comunicação entre os sócios dum valor inestimável se pensarmos na importância que tem a Formação pós-graduada na qualidade da Medicina que praticamos.

As razões deste nosso regozijo estão agora ensombradas pelas modificações que estão a acontecer no Sistema Nacional de Saúde e que, a continuarem, vão colidir com os interesses que residem na manutenção das condições que garantam a viabilidade das Carreiras Médicas que constituem o factor mais importante e um dos responsáveis pela qualidade da Medicina que temos.

As mudanças que irão acontecer estão, ainda, pouco clarificadas, mas os indicadores que estão disponíveis são pouco animadores quanto ao futuro das Carreiras Médicas e, através delas, da qualidade da Medicina Portuguesa. Realmente parece pouco provável a conciliação dos objectivos inscritos no novo modelo de gestão hospitalar com a formação consignada nos Programas dos Internatos Complementares que tão boas provas têm dado de eficiência na preparação dos novos Especialistas.

Penso que a Sociedade tem de desempenhar um duplo papel na tentativa de resolução desta problemática da Formação em Medicina. Tem, por um lado, de manter esta apos-

ta na Formação, procurando mesmo alargar o seu âmbito e, por outro lado, procurar dialogar com todas as estruturas envolvidas no sentido de salvaguardar tudo o que é posto, neste momento, em causa.

FERNANDO SANTOS
Presidente da Direcção
da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna